

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Porque Falha Portugal há mais de 5 Décadas ?

Publicado em 2026-06-29 10:48:37



BOX DE FACTOS

- James A. Robinson recebeu o Prémio Nobel da Economia em 2024, juntamente com Daron Acemoglu e Simon Johnson, pelos estudos sobre a formação das instituições e o seu impacto na prosperidade das nações.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

extractivas, que concentram privilégios e bloqueiam o desenvolvimento.

- A OCDE assinala no *OECD Economic Surveys: Portugal 2026* que a produtividade do trabalho em Portugal permanece cerca de 17% abaixo da média da OCDE.
- A mesma OCDE refere que uma parte significativa do emprego empresarial português continua concentrada em microempresas, frequentemente com menor capacidade de gestão, menor investimento tecnológico e menor potencial de inovação.
- O Fundo Monetário Internacional sublinha, na avaliação de 2026 a Portugal, que apesar do bom desempenho económico recente, persistem desafios estruturais: produtividade baixa, níveis de vida abaixo dos pares europeus, pressão da habitação e necessidade de reformas pró-crescimento.
- A Comissão Europeia identifica em Portugal problemas persistentes de baixa produtividade, fraca inovação, desajustamento de competências,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Os resultados PISA 2022 indicam que os alunos portugueses ficaram próximos da média da OCDE em matemática, leitura e ciência, mas com menor proporção de alunos de topo face à média da OCDE.
- Portugal recebeu durante décadas fundos europeus, modernizou infraestruturas, aumentou a escolaridade e estabilizou democraticamente, mas continua a enfrentar dificuldades profundas de produtividade, escala empresarial, justiça económica, habitação, salários e retenção de talento.

Porque Falha Portugal?

Portugal não falha por falta de diagnósticos. Falha porque transformou o diagnóstico numa indústria, a reforma numa encenação e o Estado numa máquina de conservação de interesses. Durante mais de cinco décadas, o país aprendeu a sobreviver, mas desaprendeu a transformar-se.

A presença em Portugal de James A. Robinson, prémio Nobel da Economia e coautor de *Porque Falham as Nações*,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

integração europeia, talento humano e tempo histórico, continua preso a uma trajectória de baixa produtividade, salários modestos, burocracia pesada e reformas sempre adiadas?

A pergunta é desconfortável porque a resposta não cabe no velho catálogo das desculpas nacionais. Não basta culpar a geografia, a pequena dimensão, a ditadura, a Europa, os mercados, os patrões, os sindicatos, os jovens, os velhos ou a meteorologia, essa entidade sempre disponível para encobrir incompetência política. Portugal falha sobretudo porque as suas instituições formais se modernizaram mais depressa do que as suas práticas reais.

Desde 1974, Portugal teve democracia, eleições livres, adesão à Comunidade Económica Europeia, fundos estruturais, moeda única, universidades multiplicadas, autoestradas, hospitais, centros comerciais, institutos públicos, planos nacionais, estratégias digitais, agências para tudo e observatórios para observar a observação. Um prodígio administrativo. E, no entanto, a convergência real com os países europeus mais desenvolvidos continua incompleta.

O país tornou-se formalmente moderno, mas estruturalmente hesitante. Europeizou-se nos formulários, mas nem sempre nas instituições. Digitalizou procedimentos,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A democracia trouxe liberdade, mas não desmontou a velha cultura do poder

A grande conquista do 25 de Abril foi a liberdade. Esse facto não deve ser diminuído. Antes da democracia havia censura, polícia política, guerra colonial, pobreza generalizada, fechamento económico e uma sociedade rigidamente hierarquizada. A liberdade política foi uma ruptura histórica essencial.

Mas a liberdade não cria automaticamente instituições eficazes. Cria apenas a possibilidade de as construir. Portugal construiu algumas, mas preservou demasiadas práticas antigas. Democratizou o voto, mas não democratizou suficientemente o mérito. Democratizou o acesso ao Estado, mas não reformou profundamente a lógica de apropriação do Estado.

Saiu o partido único, entraram redes partidárias. Saiu a censura formal, entrou a dependência económica, profissional e mediática face ao poder político. Saiu o regime autoritário, mas uma parte da cultura de obediência, compadrio e reverência perante o poder sobreviveu, apenas com nova gramática democrática.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

James A. Robinson, Daron Acemoglu e Simon Johnson receberam o Nobel da Economia precisamente pelos estudos sobre a relação entre instituições e prosperidade. A sua tese central é simples e devastadora: países prosperam quando constroem instituições inclusivas, capazes de distribuir poder, proteger direitos, premiar talento, permitir concorrência e incentivar inovação. Pelo contrário, instituições extractivas concentram poder, protegem privilégios e retiram valor da sociedade para benefício de grupos instalados.

Portugal não é uma ditadura extractiva. Mas é uma democracia com demasiados mecanismos extractivos: sectores protegidos, justiça lenta, contratos públicos opacos, excesso de dependência do Estado, carreiras pouco avaliadas, redes partidárias, reguladores vulneráveis à captura e uma promiscuidade persistente entre política, empresas públicas, consultoras, banca, fundações, autarquias e negócios subsidiados.

O país que confundiu betão com desenvolvimento

Durante décadas, Portugal confundiu modernização com construção. Autoestradas, rotundas, pavilhões, piscinas

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O betão tornou-se a versão nacional da metafísica: se era inaugurável, era progresso. Se tinha placa, fotografia e ministro, então devia ser modernidade. O país criou uma cultura política onde a obra visível valia mais do que a capacidade invisível.

A entrada na Comunidade Económica Europeia em 1986 abriu uma oportunidade histórica. Portugal recebeu fundos, mercados, estabilidade e enquadramento institucional. Mas uma parte significativa dessa oportunidade foi consumida pela lógica da despesa visível. Investiu-se muito no que se corta com fita, pouco no que transforma silenciosamente a produtividade: gestão, ciência aplicada, justiça económica, capital humano avançado, indústria tecnológica, escala empresarial, investigação ligada às empresas e reforma profunda da Administração Pública.

O país construiu infraestruturas importantes, sem dúvida. Mas também criou uma cultura de dependência: esperar por programas europeus, desenhar projectos para caberem em candidaturas, adaptar prioridades nacionais aos regulamentos de Bruxelas e alimentar uma indústria de intermediários que vive de traduzir atraso em formulários.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Criou acessos, mas não criou escala. Criou instituições, mas muitas vezes sem cultura institucional.

A produtividade: o pecado mortal que ninguém quer confessar

O grande fracasso português das últimas cinco décadas está na produtividade. Não é um tema vistoso. Não dá bons gritos televisivos, não cabe em slogans eleitorais e não se resolve com uma conferência onde três secretários de Estado dizem “inovação” com a solenidade de quem invoca chuva.

Mas é o coração do problema. A OCDE assinala no seu *Economic Survey: Portugal 2026* que a produtividade do trabalho em Portugal permanece cerca de 17% abaixo da média da OCDE. O mesmo relatório aponta que uma parte muito significativa do emprego empresarial continua concentrada em microempresas, muitas vezes com menor capacidade de gestão profissional, baixo investimento em tecnologia e dificuldade em inovar.

Isto explica quase tudo: salários baixos, dificuldade em reter talento, baixa capitalização das empresas, dependência de sectores de baixo valor acrescentado, fraca mobilidade social e uma juventude qualificada empurrada para a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

2026 a Portugal, sublinhou igualmente que o aumento da produtividade é essencial para aproximar o nível de vida português dos pares europeus. O problema não é, portanto, falta de aviso. O problema é a incapacidade nacional de transformar aviso em decisão.

Portugal gosta de falar de inovação, mas tem dificuldade em transformar inovação em produto, produto em empresa, empresa em escala e escala em salários. Entre a universidade e a economia existe muitas vezes um pântano institucional onde boas ideias morrem afogadas em candidaturas, pareceres, concursos, júris, relatórios e “enquadramentos estratégicos”.

O país descobriu a palavra “ecossistema”, mas ainda não percebeu que um ecossistema onde os predadores comem os inovadores não é Silicon Valley. É apenas uma coutada com Wi-Fi.

O Estado: demasiado grande onde atrapalha, demasiado fraco onde devia proteger

Portugal tem um Estado paradoxal. É pesado para licenciar, tributar, fiscalizar, complicar e atrasar. Mas é frequentemente fraco para planear, avaliar, executar, responsabilizar e proteger o cidadão perante abusos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mentalidades analógicas. Um Estado que informatiza burocracia e depois chama-lhe transformação digital, como se colocar verniz num cadáver fosse medicina regenerativa.

A Comissão Europeia tem insistido em problemas conhecidos: produtividade baixa, inovação insuficiente, desajustamento de competências, constrangimentos estruturais no ambiente empresarial, burocracia, processos administrativos lentos e justiça que precisa de acelerar. Nada disto é novo. A tragédia é precisamente essa: todos sabem, todos repetem, ninguém resolve.

O empresário que quer investir enfrenta licenciamentos lentos, regras mutáveis, fiscalidade complexa, municípios com práticas diferentes, entidades sobrepostas, inspeções redundantes e um sistema judicial que torna a resolução de conflitos demasiado demorada.

O cidadão que precisa do Estado enfrenta filas, plataformas digitais mal desenhadas, respostas contraditórias e uma linguagem administrativa que parece escrita por alguém que odeia seres humanos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal fez progressos importantes na educação desde 1974.

Reduziu o analfabetismo, alargou a escolaridade, multiplicou o acesso ao ensino superior e qualificou gerações que antes teriam ficado excluídas. Isso é uma conquista real.

Mas nas últimas décadas confundiu-se demasiadas vezes democratização com facilitação. O país passou a produzir mais diplomas, mas nem sempre mais pensamento crítico, autonomia intelectual, literacia científica, disciplina de estudo ou cultura de exigência.

Os resultados PISA 2022 da OCDE indicam que os alunos portugueses ficaram próximos da média da OCDE em matemática, leitura e ciência, mas também mostram fragilidades persistentes, incluindo menor proporção de alunos de topo. Ora uma nação que quer subir na cadeia de valor não pode resignar-se à mediania escolar.

Portugal precisa de formar técnicos competentes, engenheiros, programadores, investigadores, artesãos altamente qualificados, gestores exigentes, professores respeitados e cidadãos capazes de distinguir uma ideia de uma palavra de ordem.

Mas Portugal tem uma relação estranha com a exigência. Chama-lhe elitismo quando devia chamar-lhe justiça. Porque a falta de exigência não protege os mais frágeis; condena-os.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Justiça lenta: o imposto invisível sobre a confiança

Uma economia moderna precisa de confiança. E a confiança precisa de justiça rápida, previsível e independente. Portugal, porém, vive há décadas com uma justiça suficientemente lenta para beneficiar quem tem tempo, dinheiro e advogados capazes de transformar processos em maratonas de desgaste.

A lentidão judicial é um imposto invisível. Penaliza empresas sérias, trabalhadores, credores, investidores e cidadãos comuns. Favorece incumpridores, oportunistas e redes com capacidade para sobreviver ao tempo morto dos tribunais.

Onde a justiça tarda, a corrupção respira melhor. E onde a corrupção respira melhor, a economia produtiva sufoca. Não é preciso haver envelopes castanhos em todas as esquinas; basta haver opacidade, proximidade excessiva, portas giratórias, favorecimento discreto, concursos orientados, conflitos de interesses e ausência de consequências.

O problema não é apenas a existência formal do Estado de direito. É a sua eficácia prática. Um direito que existe no

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

não do produtivo

Portugal tem demasiada economia protegida e pouca economia verdadeiramente competitiva. Sectores inteiros dependem de regulação favorável, contratos públicos, fundos europeus, licenças, concessões, relações políticas ou barreiras à entrada.

É uma economia onde muitas vezes o lucro não nasce da inovação, mas da proximidade ao decisor. Uma economia onde demasiadas empresas aprendem a vencer concursos antes de aprenderem a vencer mercados.

Esta cultura cria empresários dependentes do Estado, gestores hábeis em contactos, consultores especializados em candidaturas e burocratas que confundem controlo com estratégia. O resultado é uma economia com demasiados intermediários e poucos criadores de valor.

Não há país que prospere sustentadamente se os melhores incentivos estiverem do lado da intermediação, da renda, da protecção e da dependência. Quando compensa mais conhecer o director certo do que criar o produto certo, a economia deixa de seleccionar talento e passa a seleccionar adaptabilidade cortesã.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

injusto negar o seu papel na modernização de infraestruturas, formação, equipamentos e projectos públicos.

Mas também criaram uma dependência profunda e uma cultura de planeamento ao contrário: em vez de perguntar “de que precisa o país?”, pergunta-se “para que há financiamento?”.

Este é um ponto essencial da crítica contemporânea de Nuno Palma: os fundos podem funcionar como uma espécie de maldição dos recursos. Tal como certas riquezas naturais permitem a alguns países adiar reformas, os fundos europeus podem permitir a Portugal adiar mudanças estruturais.

O dinheiro externo suaviza a dor do atraso, mas também reduz a urgência da transformação. Cria uma elite administrativa, empresarial e política especializada em gerir dependência. Uma elite que vive da promessa de convergência, mas não necessariamente da convergência real.

Quando o atraso passa a ser financiável, há sempre alguém que descobre que o atraso é um modelo de negócio.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A crise da habitação mostra bem a natureza do problema português. Durante anos, o país teve casas devolutas, centros urbanos degradados, licenciamentos lentos, burocracia municipal pesada, falta de construção acessível, fiscalidade distorciva e políticas públicas erráticas.

Depois, quando o problema rebentou, fingiu-se surpresa nacional. Um clássico: primeiro bloqueia-se a oferta, depois lamenta-se a escassez.

A OCDE tem apontado barreiras à construção, procedimentos de licenciamento longos e carga regulatória como factores que travam a oferta habitacional. Isto significa que o problema não é apenas “mercado” nem apenas “especulação”. É também Estado.

A habitação afecta tudo: natalidade, mobilidade laboral, fixação de jovens, poupança, produtividade e confiança no futuro. Um país onde um jovem qualificado não consegue sair de casa ou viver perto do trabalho está a destruir capital humano enquanto discursa sobre talento.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma das maiores derrotas portuguesas das últimas décadas é a normalização da emigração qualificada. Médicos, engenheiros, programadores, investigadores, enfermeiros, técnicos especializados e jovens altamente formados saem porque o país lhes oferece salários baixos, carreiras bloqueadas, habitação cara e pouca recompensa pelo mérito.

A emigração é muitas vezes apresentada como aventura, mobilidade ou experiência internacional. Também pode ser isso. Mas quando se torna estrutural, é outra coisa: é uma válvula de escape do fracasso interno.

Portugal forma talento com dinheiro público para depois o entregar a economias que sabem pagar, organizar e exigir. O drama não é apenas perder pessoas. É perder futuro.

Cada jovem qualificado que parte representa anos de investimento familiar, educativo e social. Representa empresas que não nascerão, investigação que não será feita, filhos que talvez não nasçam cá, impostos que não serão pagos cá, comunidades que envelhecem e um país que se habitua a viver com saudade em vez de ambição.

Cinco décadas de reformas anunciadas

Portugal é extraordinário na arte de anunciar reformas. Reforma da justiça. Reforma do Estado. Reforma fiscal.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O país está permanentemente em reforma, como certos prédios antigos que têm andaimes há vinte anos e nunca ficam prontos.

A palavra “reforma” perdeu valor porque passou a significar quase tudo: uma alteração cosmética, uma nova comissão, uma reorganização de serviços, um portal digital, uma mudança de nomes, uma estratégia a dez anos, um diploma que remete para portarias futuras ou uma conferência com cartaz azul e fotografias de ministros.

Reformar a sério seria outra coisa: fechar organismos inúteis, medir resultados, despedir incompetência persistente, premiar excelência, simplificar impostos, reduzir litigância administrativa, acelerar tribunais, responsabilizar decisores públicos, combater conflitos de interesses, abrir sectores protegidos, aproximar ensino e economia produtiva, avaliar fundos pelo impacto e não pela execução financeira.

Mas isso mexe com interesses. E Portugal, quando chega ao momento de mexer com interesses, descobre subitamente a beleza do consenso. Consenso, muitas vezes, é o nome elegante dado à rendição perante quem bloqueia.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

dependência do poder. Falha porque tem instituições formalmente modernas, mas frequentemente capturadas por interesses.

Falha porque confunde despesa com investimento, diploma com competência, inovação com propaganda, digitalização com modernização e fundos europeus com estratégia.

Falha porque protege demasiado a mediocridade organizada e exige demasiado pouco à excelência isolada. Falha porque muitos dos seus melhores cidadãos são empurrados para fora, enquanto os mais adaptados ao sistema ficam dentro a gerir o labirinto.

Falha porque a política se especializou em administrar o possível, esquecendo que governar é precisamente expandir o possível.

A falha portuguesa não é uma condenação histórica. É uma escolha repetida, ano após ano, governo após governo, orçamento após orçamento, concurso após concurso, licenciatura após licenciatura, reforma adiada após reforma adiada.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

hino subterrâneo de uma nação que se habituou a pedir pouco ao futuro.

O que teria de mudar

Portugal não precisa de mais uma lista piedosa de boas intenções. Precisa de uma ruptura institucional pacífica, democrática e exigente. Não uma revolução de barricada, mas uma revolução de competência.

Seria necessário começar por uma justiça rápida e previsível, porque sem justiça eficiente não há confiança, investimento ou verdadeira concorrência.

Seria necessário criar uma Administração Pública orientada a resultados, com menos carimbos, mais responsabilidade, menos procedimentos e mais serviço.

Seria necessário reconstruir uma educação exigente, assente em conhecimento sólido, pensamento crítico, matemática, ciência, leitura, tecnologia, artes e formação profissional séria.

Seria necessário apoiar empresas com escala, gestão profissional, internacionalização, tecnologia e produtividade, não apenas sobrevivência subsidiada.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Seria necessário combater a captura do Estado com transparência no lobbying, controlo efectivo das portas giratórias, contratos públicos escrutinados e conflitos de interesses expostos.

Seria necessário tratar a habitação como infraestrutura económica e social: licenciamento simples, construção acessível, mobilização de imóveis devolutos, estabilidade regulatória e capacidade pública de execução.

E seria necessário, sobretudo, reconstruir uma cultura de mérito. Premiar quem faz, quem sabe, quem arrisca e quem cria, em vez de proteger quem se instala.

Epílogo: o país possível contra o país instalado

Portugal não está condenado ao atraso. Essa é a boa notícia. A má notícia é que também não será salvo pela geografia, pela Europa, pelo turismo, pelos nómadas digitais, pelas start-ups de palco, pelos fundos comunitários ou pela próxima comissão de sábios.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Durante mais de cinco décadas, Portugal viveu entre avanços reais e falhas persistentes. Democratizou-se, europeizou-se, modernizou-se parcialmente. Mas continuou a carregar uma estrutura profunda de baixa produtividade, dependência, captura institucional e resignação social.

A pergunta de James A. Robinson, aplicada ao nosso caso, não é apenas “porque falham as nações?”. É mais dura: porque falha uma nação que teve liberdade, paz, Europa, fundos, talento e tempo?

A resposta é desconfortável: porque confundiu oportunidade com direito adquirido. Porque confundiu Estado com emprego. Porque confundiu política com ocupação de lugares. Porque confundiu modernização com betão. Porque confundiu inclusão com baixa exigência. Porque confundiu fundos com riqueza. Porque confundiu sobrevivência com destino.

Portugal ainda pode ser uma nação de futuro. Mas para isso terá de deixar de tratar a mediocridade como tradição, a dependência como prudência e a coragem reformista como inconveniência social.

A alternativa é continuarmos a fazer aquilo que fazemos tão bem: produzir diagnósticos brilhantes, conferências

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Referências credíveis

- Nobel Prize — The Prize in Economic Sciences 2024:
Daron Acemoglu, Simon Johnson and James A. Robinson:
<https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/2024/popular-information/>
- OECD — OECD Economic Surveys: Portugal 2026:
https://www.oecd.org/en/publications/oecd-economic-surveys-portugal-2026_025b3445-en.html
- International Monetary Fund — Portugal: 2026 Article IV Consultation:
<https://www.imf.org/en/publications/cr/issues/2026/06/23/portugal-2026-article-iv-consultation-press-release-staff-report-and-statement-by-the-577161>
- International Monetary Fund — Portugal: Staff Concluding Statement of the 2026 Article IV Mission:
<https://www.imf.org/en/news/articles/2026/05/06/mcs-05062026-portugal-staff-concluding-statement-of-the-2026-article-iv-mission>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

[semester-your-country/european-semester-documents-portugal_en](#)

- OECD — PISA 2022 Results: Portugal Country Note:

https://www.oecd.org/en/publications/pisa-2022-results-volume-i-and-ii-country-notes_ed6fbcc5-en/portugal_777942d5-en.html

- OECD — Modernisation of the Justice Sector in Portugal:

https://www.oecd.org/en/publications/2024/06/modernisation-of-the-justice-sector-in-portugal_o8c45955.html

- World Justice Project — Rule of Law Index: Portugal:

<https://worldjusticeproject.org/rule-of-law-index/country/Portugal>

- Transparency International — Corruption Perceptions Index: Portugal:

<https://www.transparency.org/en/countries/portugal>

- World Bank — Portugal Data:

<https://data.worldbank.org/country/portugal>

- Nuno Palma — Research page, incluindo o trabalho

Unlocking Portugal's growth: structural reforms and

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Fail: The Origins of Power, Prosperity, and Poverty,
Crown Business, 2012.

- Daron Acemoglu, Simon Johnson & James A. Robinson
— *The Colonial Origins of Comparative Development:*
An Empirical Investigation, American Economic
Review, 2001.

Nota editorial: Este ensaio procura olhar para Portugal através da lente das instituições, da produtividade, da justiça, da educação, da dependência dos fundos europeus e da captura do Estado por interesses instalados. Não pretende negar os avanços reais da democracia portuguesa, mas recusa a ilusão confortável de que liberdade política, fundos comunitários e modernização superficial bastam para construir prosperidade duradoura.

Texto:

Francisco Gonçalves

Com apoio editorial de: Augustus Veritas.

Nota do autor :

Esta análise parte de uma pergunta simples e incómoda: porque continua Portugal preso a uma espécie de modernidade incompleta, depois de mais de cinco décadas de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

política. Está na relação profunda entre instituições, cultura de poder, justiça lenta, baixa produtividade, educação pouco exigente, empresas sem escala, dependência de fundos e uma resignação social que se tornou quase uma segunda Constituição não escrita.

Portugal não é um país falhado. Mas é um país frequentemente bloqueado. Bloqueado por interesses instalados, por burocracias defensivas, por elites extractivas, por reformas encenadas e por uma estranha tolerância colectiva à mediania organizada.

O verdadeiro escândalo não é Portugal ter problemas. Todos os países os têm. O escândalo é Portugal conhecê-los há décadas, estudá-los exaustivamente, financiá-los abundantemente, discursar sobre eles solenemente e, ainda assim, deixar que continuem a governar o seu futuro.

Uma nação não falha apenas quando empobrece. Falha quando se habitua a justificar o seu próprio bloqueio.

E talvez seja esse o nosso maior perigo: não o atraso em si, mas a capacidade quase artística de lhe chamar prudência, estabilidade ou consenso.

— Francisco Gonçalves



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)